

A Política de Desarmamento do Governo Lula e a Violência

Edmilson Marques

Nos últimos anos a sociedade brasileira pôde assistir a mais uma tentativa política do governo Lula. Acreditando em uma possível amenização da violência existente no Brasil, o governo surpreende-nos com a campanha de desarmamento. Sendo, então, um fato real acontecido no Brasil, propomos fazer uma análise da política de desarmamento criada pelo governo Lula, bem como do seu governo, já que ele é percebido como o governo dos “pobres”, por ser ele um ex-operário; visão esta que faz emergir uma crença social de ser aquele que veio para solucionar os problemas enfrentados pela sociedade. Em seguida faremos um paralelo do seu governo com a arraigada idéia de “transformação” por via da representatividade, e por fim, falar sobre a efetividade de sua política de desarmamento fazendo uma breve discussão sobre a violência já que este é o foco principal desta sua política.

Nos últimos tempos a mídia, principalmente, foi um dos veículos utilizados pelo governo Lula para expandir pelo território brasileiro seu plano político de desarmamento da população, o que pressupunha que houvesse um recolhimento considerado de armas de fogo e, por conseguinte, a amenização da violência. A utilização dos meios de comunicação de massa foi uma forma eficaz para o convencimento da sociedade para a necessidade desta política. Baseando-se, então, na ótica do governo, podemos tirar algumas hipóteses como a de que ele pressupõe que a violência seja causada pela existência de armas de fogo; outra que no momento que um indivíduo seja portador de uma arma de fogo ele possa usar da má fé e agredir fatalmente uma outra pessoa a qualquer momento; e ainda que ao fazer o recolhimento de armas de fogo a violência tenda a diminuir; por fim, além de tantas outras suposições, que a política de desarmamento pode diminuir, senão acabar, com “o problema” da posse de arma por crianças as quais podem se ferir e/ou ferir outras pessoas.

São variadas hipóteses que podem ser ideologicamente levantadas o que precisaria de mais algumas páginas para descrevê-las, porém, são questionamentos que não resolvem efetivamente a mazela concreta que põe em perigo a vida das pessoas – falaremos sobre isso posteriormente. Armas de fogo são realmente instrumentos

perigosos, disto não há dúvidas, pois a única função de sua existência é a de extermínio; seja para eliminar uma pessoa, num momento de auto-defesa, vingança etc, ou mesmo um animal. Enfim, elas existem para por fim na vida de alguém. Assim sendo, esta é uma das criações mais funestas realizadas pelo homem, basta ver a hecatombe causada pela Primeira e Segunda Guerra Mundial e, além disso, as diversas mortes existentes na sociedade conseqüências do uso de armas.

Porém, levantando questionamentos iguais aos que precedemos, desvia-se a atenção da sociedade para fatores que não correspondem de fato ao problema realmente existente. Além disso, é uma política muito contraditória, pois, faz o recolhimento de armas enquanto persistem numerosos comércios de materiais bélicos. Por outro lado, desarmando a sociedade seria necessário também desarmar a própria polícia, o exército, o estado, ou melhor, se desarmar, pois, estando o estado armado conseqüentemente induz-se a sociedade a continuar armada.

Tendo então a política de desarmamento criada pelo governo Lula como referência, podemos, então, levantar alguns fatores da realidade que não são tão claros para a sociedade, e conseqüentemente, contribuir com o florescimento de uma realidade que seja conhecida por todos, onde o modo de vida contribua para o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas potencialidades; sem divisões parcelares; uma vida onde o homem seja o possuidor de sua produção sem se preocupar com as mazelas destruidoras do individualismo emergido das entranhas do desenvolvimento capitalista. A crítica, portanto, que objetivamos fazer não é à política propriamente do governo Lula, como descrevemos na introdução deste trabalho. A crítica que almejamos é a todo tipo de governo existente na sociedade atual, bem como a toda estrutura que há por trás de sua existência. Todos eles possuem algo em comum e por serem comuns podem ser criticados de forma igual, o que pressupõe que sendo iguais possibilita-se serem extirpados também de forma igual. É devido a essa característica comum entre os governos existentes na realidade contemporânea que utilizamos aqui o governo Lula como exemplo para que a essência dos demais governos seja percebida com mais clareza.

Antes que alguma adjetivação de espécie partidária seja dirigida à nossa análise, dizemos que a crítica aqui realizada é direcionada também a todos os partidos políticos, deixando claro a nossa abstinência à alienada política partidária. Porém, não fazemos jus à neutralidade nem mesmo à imparcialidade, o que nos leva a definir a

nossa posição, sendo a posição ou situação em que a maioria dos indivíduos da sociedade se encontra, ou seja, utilizamos aqui do ponto de vista do proletariado para realizar tal crítica.

Continuando então, Lula acreditava, pelo menos é o que deixou transparecer nas propagandas realizadas pela mídia, que uma política de desarmamento poderia diminuir a violência do Brasil. Porém, o seu albor laborial não foi suficiente para lhe alertar ou mesmo fazê-lo perceber que isso seria uma ação ineficaz para acabar com a violência já que esta não está na existência de armas, mas sim na existência de outra coisa chamada capitalismo, do qual, ele próprio é vítima e pelo qual luta em defesa, tendo o estado como seu aliado na reprodução das mazelas desta coisa que nos assola no dia-a-dia; fazendo que a maioria dos brasileiros continuem escravos da própria vida. A metamorfose sofrida por Lula ao assumir o poder foi impressionante mas não surpreendente. Antes das eleições presidenciais, em que Lula foi eleito, era comum ouvir depoimentos otimistas de que era chegada a vez de viver tempo melhores, caso ele fosse eleito. Mera ilusão. No decorrer de seu mandato as máscaras foram esmaecendo e a essência da realidade capitalista manifestando-se visivelmente, norteador a sua política. Aí está a causa. Como diria a provocação feita por John Holloway (2004), “o problema não é Lula”; “O fracasso de Lula não é simplesmente um fenômeno brasileiro. É a repetição, no Brasil, de uma experiência mundial”. O problema é a estrutura pré-determinada pelo sistema capitalista, e a qual todo e qualquer governo precisa se adequar e trabalhar em sua função.

Já era de se esperar que o presidente atual nada faria para a classe oprimida. Além disso, é mais que natural que ao assumir o poder estatal se tornaria mais um político, mais um governo, mais um representante do estado capitalista, mais um componente da minoria, enfim, seria mais um capítulo da democracia representativa. Isso aconteceria pelo simples motivo que o governo já pressupõe uma estrutura pré-estabelecida, e qualquer um que venha a fazer parte da máquina estatal é levado a se adequar à sua estrutura. Porém, sendo ele a figura do estado brasileiro atual, e com uma grande legitimidade por ser um descendente da classe operária, aumentando ainda mais a crença popular em sua política, é aquele que leva à população os projetos políticos elaborados nos bastidores do parlamento, o qual tem como natureza a amenização dos distúrbios cancerígenos do capitalismo existente no Brasil, em benefício de uma minoria privilegiada. O parlamento, por sua vez;

Apresenta-se de forma mistificadora como órgão básico do poder na sociedade, parecendo dirigir o Estado através dos representantes eleitos, quando de fato todas as decisões importantes são tomadas nos bastidores, pelos “departamentos, chancelarias e Estados-Maiores. Ao parlamento é dado tratar do objetivos específico de enganar as pessoas comuns” (CARNOY, 1988, p. 82).

Assim, o que vem das práticas políticas governamentais “e chega a nosso conhecimento comporta uma preparação de bastidores” (VANEIGEM, 2004, p. 18). Mais um capítulo das contradições do capitalismo pode ser assistido pela sociedade brasileira. O governo é apenas um dos seus aliados. Sendo aliado do capitalismo nada mais natural do que nos deparamos nesta realidade com a ineficiência de suas políticas, deixando transparecer, cada vez mais, que sua existência é desnecessária.

A cada presidente que entra para a quadrilha estatal eleva-se ainda mais a visão e concordância que a vida será bem melhor sem as ilusões criadas pela democracia representativa, a qual reproduz a consciência de espera de um governo que venha atender efetivamente aos anseios da maioria da sociedade. Porém, a ideologia da representatividade é muito forte e ainda domina a consciência social. Isso pode ser facilmente comprovado no período eleitoral, quando a ideologia mostra sua força levando a maioria dos brasileiros às urnas, dotados de um sentimento de esperança acreditando numa possível mudança a partir do próximo candidato, o que o faz deixar ali na urna o seu voto, ou melhor, a continuação de sua efetiva e desumana existência, pois, o voto nada mais é do que uma forma de dominação, uma forma de manipulação, enfim uma forma de reprodução do modo de produção capitalista. A ideologia da representatividade impede a formação de consciências verdadeira sobre a natureza da realidade capitalista. A política representativa nada mais faz do que beneficiar apenas uma minoria. A grande maioria da sociedade pode conseguir o domínio sobre os meios necessários para se auto-governar, mas para isso é preciso destruir essa mesma realidade que exige a existência de um governo representativo. Como diz Norberto Bobbio:

Se cada governo está sempre voltado para o interesse da classe dominante, é (baseado no tradicional critério de distinção) mau, ou pelo menos, cai por terra toda a possibilidade de distinguir um bom governo de um que não o é. De resto, por estas razões, para Marx e Engels o problema do bom governo não se resolvia com a substituição por uma forma “boa” uma forma “má”, mas sim com a eliminação de toda forma de governo político (isto é, com a extinção do Estado e com o fim da política) (BOBBIO, 2004, p. 148).

Assim, por mais que o governo atual venha acreditar numa política que corresponda de fato à busca de uma cura dos problemas que assola a sociedade, ainda continuará existindo um contra-senso, uma força negativa que amortece a luta proletária adiando a efetivação de uma sociedade verdadeiramente real, percebida e dominada pela maioria e não pela minoria; protelando o término da realidade onde “o que aparece não passa, com frequência, de uma imagem vazia da vida”.

Qual é a causa então, de falarmos que a política de desarmamento criada pelo governo Lula não trará conseqüências concretamente positivas para a sociedade, sendo esta positiva apenas nas estatísticas a qual pode ser facilmente manipulada? A causa é que a violência não brota do íntimo do indivíduo. Não é um fenômeno social que emerge do indivíduo e finaliza na sua exteriorização objetiva, no ato da agressão. A violência é conseqüência de uma situação em que a maioria da sociedade é tratada com violência, é constantemente agredida. Vivendo constantemente sendo violentada, mais que natural do que existir indivíduos violentos. Essa é a realidade dos indivíduos que vivem sob as rédeas do sistema capitalista, o qual tem como aliado o estado capitalista.

Nildo Viana (2004, p. 31) já havia discutido sobre esta característica violenta do capitalismo. Segundo ele “a ação estatal e a ação da classe capitalista são expressões de uma relação social de imposição, isto é, pela violência”. Essa é a nossa realidade. É ao modo de produção capitalista que devemos dirigir nossas críticas e não somente para as políticas adotadas pelos governos que buscam camuflar a sua existência. Como diz Raoul Vaneigem (2004, p. 70), “não é o homem desumano que deve ser abatido, mas o sistema que o molda”. A política de desarmamento é mais uma forma de amenizar as contradições do capitalismo. Enquanto existir o modo de produção capitalista, continuaremos vivendo sob o medo e a insegurança causada pela existência da violência na sociedade em que vivemos. Quanto mais o capital se reproduz, mais violência causa; causando mais violência, mais violentos serão os indivíduos.

Nesse sentido que podemos observar que os defensores do capital, a classe dominante;

...tem finalidades individuais e as realiza através de sua organização, friamente, de modo objetivo, sem se preocupar com o fato de seu caminho estar coberto por corpos extenuados pela fome ou por cadáveres produzidos nos campos de batalha (GRAMSCI, 2004, p. 163).

As prisões estão atestadas de pessoas que não agüentaram o fardo da realidade

e acabaram exteriorizando o sentimento provocado pela dinâmica do capitalismo, contrariando todas as características naturais de um ser humano em condições normais e naturais de vida. A população é desarmada enquanto por outro lado continua sendo reforçado o poder de fogo do exército, da polícia, enfim do estado; os países mais desenvolvidos economicamente continuam voltando toda sua economia para a edificação de bombas nucleares; a humanidade cada dia que passa sofre do perigo de sua extinção. Essa é a face do capital. Ele quer assistir ao suspiro final da vida humana; ele quer dominar até o último momento e levar o homem ao limite de sua paciência deixando todos dominados com seu poder alienador. Antes que ele consiga isso, é indispensável que adiantemos a luta final e o dominemos.

É por isso que dizemos que este texto não tem a finalidade única de fazer uma simples crítica ao governo atual do Brasil. Isso seria reduzir demais, ao nível das idéias, o valor que tem a vida da maioria das pessoas existentes em todo o mundo. Existimos inseridos num todo social. O todo que dizemos é o mundo da totalidade, onde as fronteiras existentes, entre uma “nação” e outra, nada mais são do que linhas imaginárias que separam interesses de uma minoria que luta dia-a-dia pelo domínio de outras nações. O todo enfim, se trata do sistema capitalista, do qual o governo é parte; da forma de se produzir dentro de sua dinâmica. Produção esta onde “o homem é confrontado com sua própria atividade, com seu próprio trabalho como algo objetivo, independente dele e que o domina por leis próprias, que lhe são estranhas” (LUKÁCS, 2003, p. 199).

O capitalismo abarca o todo. Todos os países existentes na face da terra estão contaminados por esta coisa. Porém, esta doença está mais consistente e legitimada na consciência de uma minoria que busca fazer que a maioria também se contamine. E é por ser uma minoria a doença do mundo, que acreditamos que prevaleçam os anseios da maioria, a qual é a única que tem a força de dominar esta minoria e eliminar de seu espírito o mal que lhe apoderou e a fez agir em função de sua reprodução e legitimação, o que possibilitou a sua existência por esse tempo histórico que conhecemos desde a sua efetivação na França do século XVIII.

Só a grande maioria da sociedade pode ser capaz de curar as feridas existentes no mundo; só a maioria tem o poder de fazer valer a palavra elevando a todo mundo a junção comunitária, concretizando a tão almejada e esperada vida efetiva. Só a maioria tem a possibilidade de por abaixo o mundo criado pelo fel sangrento do capital.

Infelizmente, essa é uma tarefa que será permeada pela violência, mas uma violência definitiva e final; a violência que trará o fim da própria violência.



Referências Bibliográficas

- HOLLOWAY, John. *Lula não é o Problema*. Conferência durante o Fórum Social Nordeste em 2004. Texto retirado da página eletrônica: <http://brasil.indymedia.org/pt/red/2004/12/297177.shtml>, acessado em junho de 2005.
- CARNOY, Martin. *Estado e Teoria Política*. Campinas-SP, Papyrus, 1988.
- VANEIGEM, Raoul. *Nada é sagrado tudo pode ser dito*. São Paulo, Parábola, 2004.
- BOBBIO, Norberto. *O Marxismo e o Esta*. vol. 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.
- VIANA, Nildo. *A Dinâmica da Violência Juvenil*. Rio de Janeiro, BookLink, 2004.
- VANEIGEM, Raoul. *Nada É Sagrado Tudo Pode Ser Dito*. São Paulo, Parábola, 2004.
- GRAMSCI, Antônio. *Escritos Políticos*. vol. 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.
- LUKÁCS, George. *História e Consciência de Classe*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

Edmilson Marques

Graduado em História pela UEG -
Universidade Estadual de Goiás